



Mailson: apoio dos credores ao programa econômico

Credores criticam a Argentina

NOVA IORQUE — “Um é o candidato de um governo que fracassou inteiramente na área econômica. O outro é um candidato que assusta”, disse, dias atrás, um importante funcionário do Departamento de Estado norte-americano a um grupo de jornalistas latino-americanos em Washington, ao abordar a situação eleitoral na Argentina. O candidato “que assusta” é o peronista Carlos Saúl Menem e o comentário reflete a profunda descrença dos meios políticos e financeiros dos Estados Unidos com as perspectivas políticas da Argentina e sua capacidade de solucionar sua crise econômica e o problema da dívida externa.

Diferentemente da disposição favorável demonstrada em relação ao Brasil, há um visível mau humor nos círculos de decisão norte-americanos a respeito do quadro argentino. Tanto os funcionários do Departamento do Tesouro, quanto os representantes do Comitê de Negociação dos Bancos Credores falam que não há a menor possibilidade de a Argentina vir a ser beneficiada, a curto prazo, com os recursos e vantagens previstos no Plano Brady.

Atrasos — Essa posição francamente desfavorável à Argentina decorre de uma combinação de fatores: o atraso de um ano nos pagamentos dos juros de sua dívida com os bancos comerciais, a falta de um programa de recuperação econômica consistente e, por fim, a perspectiva de vitória do candidato peronista, Carlos Menem, na eleição de maio próximo para a escolha do sucessor de Raul Alfonsín. Menem é visto nos Estados Unidos como a encarnação da pior espécie de populismo já registrada na América Latina.

Antes de pensar em recorrer às benesses do Plano Brady, diz um qualificado funcionário

do Departamento do Tesouro, os argentinos precisam regularizar os pagamentos em atraso com os credores e, além disso, apresentar resultados da implementação de um programa de ajustamento. O Departamento do Tesouro já dispõe inclusive de uma fórmula para equacionar o dilema argentino, pelo qual os bancos fariam um acordo com condicionalidades para resolver o problema dos juros em atraso.

Grupos — Afirmam os técnicos e banqueiros envolvidos na articulação dessa nova fase de enfrentamento da crise da dívida externa do Terceiro Mundo que as propostas para participação no Plano Brady serão consideradas caso a caso, país por país. Na prática, porém, a comunidade financeira vem agrupando os países em bloco. Em primeiro lugar, menciona-se o grupo composto pela Venezuela, as Filipinas e o México.

O Brasil é colocado no grupo mencionado logo em seguida, onde foram agrupados os países que, apesar de enfrentarem dificuldades e revêses na implementação de seus programas de ajustamento econômico, mantêm acordos com o FMI e vêm pagando em dia os juros da sua dívida, como a Colômbia. O Uruguai e o Chile, que são apontados como dois países exemplares do continente, são considerados casos à parte porque estão conseguindo sair satisfatoriamente da crise da dívida. Por esse motivo, teriam menos necessidade de serem socorridos pelo Plano Brady.

A Argentina está incluída no terceiro e último grupo, o dos países que não vêm pagando os juros da dívida e, como no caso do Peru, também não tem acordo com o FMI. (T.B)